

# **O trono dos reinos**



# **O Herdeiro das Cinco Torres**

A.J.R. Corvo

Autor: A.J.R. Corvo

Volume: I

© A PJ PR Corvo

Este livro foi inspirado na Odisseia, na história e cultura celta e Viking, no Cristianismo e na história antiga.

"Quem combate monstros deve tomar cuidado para não se tornar um.

E se tu olhares por muito tempo para dentro do abismo,  
o abismo também olha para dentro de ti."

— F. N, Além do Bem e do Mal



capítulo I - A antiga nação de Braviruth

"Dois ladrões tentaram adentrar os fundos da mansão naquela noite espessa. Antes que pudesse sequer empunhar a lâmina, Vanakh, o meu lobo feroz, saltou sobre um deles, derrubando-o com a ferocidade de um predador faminto. Nas sombras densas, os rostos dos invasores permaneciam ocultos, mas os sons – respirações ofegantes, botas esmagando o cascalho, murmúrios nervosos – denunciavam a sua presença.

O som seco de dentes de lobo rasgando carne acompanhou um grito que se espalhou pela propriedade. O segundo ladrão, tomado pelo pânico, virou-se e fugiu com uma velocidade que ultrapassava a de um mero assaltante. Impelido pelo instinto, lancei-me atrás dele; contudo, numa pressa desastrada, tropecei e caí aos joelhos. Vanakh, como uma flecha lançada, passou por cima de mim, e o eco de um baque surdo anunciava o fim do seu destino, seguido de um novo grito, agora abafado.

Recuperei-me com uma pontada no tornozelo – uma dor suportável, mas incômoda. Ao alcançar o local, deparei-me com o ladrão, agora de joelhos, tremendo, os olhos incandescentes de puro terror.

"Por favor... Eu só fiz o que me mandaram! Eu quero viver!"

A lâmina balançava nas minhas mãos. Sabia que diante de mim estava um ladrão, talvez até um assassino, agora implorando como um rato encurralado. Contudo, algo no seu desespero prendeu-me a escutar.

"Quem te mandou?"

"Akstunutha, meu senhor..." a voz vacilava, quase quebrada. "Ele quer o livro de magia do cofre... não tive escolha."

O nome invadiu memórias antigas – Akstunutha, já enterrado no tempo, havia desaparecido antes mesmo do meu nascimento.

"Um morto não dá ordens, ladrão. Mentas mal, e tens pouco tempo para remediar."

O prisioneiro abriu a boca para protestar, mas foi nesse instante que notei os dentes: grandes, afiados, com uma ponta sutil e letal. A luz da lua refletia em sua pele pálida, e um arrepio gelou-me a espinha.

"Não foste enviado por Akstunutha, mas talvez... movido pelo feiticeiro dele."

Ele vacilou, confuso, como se as palavras não lhe fizessem sentido.

"Infiltraste-te na casa que protejo." Aproximei-me, agarrando-lhe o queixo com firmeza, forçando-o a encarar-me de frente. Seus olhos, injetados e trêmulos, e os dentes desalinhados denunciavam a verdade. "És um vampiro, não és?"

"Um quê? Não, meu senhor, fui apenas recrutado na Taberna do Trovador... a cinco dias de cavalgada, é muito conhecida, por favor é tudo o que eu sei"

A perplexidade e o medo estavam estampadas no seu rosto genuinamente – mas ele era um recém-criado, possivelmente jovem e ainda ignorante da verdadeira natureza de sua maldição. Vampiros assim podiam subsistir meses sem se alimentar, mas eram descartáveis, peças de um tabuleiro cruel.

"Se o feiticeiro acredita poder trazer um deus da morte de volta, está irremediavelmente enganado."

Num breve cintilar da lâmina, atravessei-lhe a garganta. O sangue quente jorrou, uma vitalidade roubada que manchou as minhas mãos. Seus últimos espasmos cessaram, e o silêncio do ato permeou o ar com um amargo gosto de fatalidade.

Foi o necessário, o correto, mas o fardo daquele sabor amargo de morte jamais se apagaria.

Ao romper do alvorecer, Alran soube do ocorrido. Quando relatei os eventos, ele esboçou um sorriso enigmático.

"Admiro o teu lobo. Mas lembra-te: os animais, como os homens, só servem enquanto obedecem."

Recordo-me do meu primeiro trabalho, quando servia como guarda de um mercador rico – Alran Merovik, um homem astuto, de olhar cortante e sorriso frio. Sua mansão, erguida no alto de uma colina, dominava Porto Marfim como um rei destituído de coroa. Contudo, Alran não governava com sabedoria; usava o medo como moeda, e suas transações raramente envolviam apenas ouro.

Na minha primeira noite, ao abandonar o posto para socorrer um ancião caído, Alran revelou-me o verdadeiro papel que me aguardava.

"Não te pago para ajudares velhos. Pago-te para seres mortal. Quando a hora chegar, espero que saibas a diferença."

Foi nesse instante que compreendi a natureza sombria de Porto Marfim – sombras que se estendiam além dos corredores da mansão, envolvendo desaparecimentos, acordos obscuros com piratas e execuções silenciosas no pátio. Eu, armado e calado, era apenas uma peça na engrenagem implacável do medo.

Vanakh crescia rapidamente, alimentado com restos de carne e migalhas de pão. Em poucos meses, superara qualquer cão de caça, e os servos murmuravam que sua presença era um presságio de infortúnio. Mas eu, já visto como algo estranho – um homem da abadia com uma arma exótica e uma sombra lupina ao lado – não me importava com tais superstições.

Os problemas emergiram quando Vanakh tornou-se demasiado imponente para ser ignorado. Os criados começaram a sussurrar, receosos do olhar perscrutador do animal. Alran, que antes tolerara a presença do lobo, passou a fazer perguntas.

"Um animal tão feroz... O que me garante que não me atacará enquanto durmo?" indagou ele.

"Eu," respondi com a mesma frieza com que se empunha uma lâmina.

Mas as palavras não bastaram.

Numa noite, enquanto Vanakh repousava ao meu lado, ouvi passos discretos pelo corredor. Em silêncio, levantei-me e espreitei pela porta entreaberta. Três guardas de Alran aproximavam-se, lâminas cintilando à cintura, com a furtividade de predadores.

Deslizei para a escuridão. O primeiro caiu antes mesmo de perceber minha presença. O segundo teve tempo de arregalar os olhos antes de sentir o frio da lâmina abrindo-lhe a garganta. No entanto, o terceiro foi mais rápido – senti o aço cravar-se em minhas costas.

Num instante, um rugido ecoou pelo corredor.

"Vanakh!"

O lobo investiu com a fúria de um demônio, e o terceiro homem não teve tempo de escapar. O sangue quente manchava o chão, um tributo à violência da noite.

A mansão despertou num sobressalto. Passos apressados e ordens gritadas ecoavam pelos corredores, até que Alran surgiu, envolto em um manto que ondulava como fumaça, os olhos incandescentes com uma fúria contida.

"Já não há espaço para ti aqui."

Não era um aviso, mas uma ordem. Sem esperar pelo amanhecer, juntei as minhas coisas e parti, Vanakh sempre ao meu lado. Montei o cavalo e cavalguei para longe de Porto Marfim, até que o aroma do mar deu lugar ao perfume de pinheiros e terra molhada.

Ali, em meio à solidão das trilhas, montei a minha tenda, tratei das feridas e descansei, embora o gosto amargo dos acontecimentos persistisse.

Na manhã seguinte, o vento fresco entre as árvores convidava à caça. Peguei no arco e logo encontrei um coelho a roer raízes.

"Sss... não faças barulho, rapaz..."

A flecha cortou o ar, e o coelho caiu com um último ganido. Vanakh correu para recolher a presa, devolvendo o animal à boca faminta.

"Para onde vamos, hein? Alguma sugestão?"

O lobo, indiferente, fitava apenas a carne.

Recordei-me do assaltante e da taberna que ele mencionara. Talvez fosse uma boa ideia investigar. Afinal, sem destino certo e com a perspectiva de um feiticeiro a libertar vampiros, quem sabe quantas moedas essa trama poderia render?

Ajustei o capuz, montei o cavalo e parti numa viagem que me levaria, em cinco dias de cavalgada, até à Taberna do Trovador – um refúgio solitário, enclausurado entre montanhas escarpadas e vales profundos, onde cidades esquecidas sussurravam contos de eras remotas.

Após uma jornada árdua por trilhos pedregosos e ventos cortantes, avistei, ao fim de cinco dias, a silhueta da Taberna do Soprador – uma construção tosca, esquecida pelo tempo, iluminada por tochas trêmulas que acentuavam as sombras noturnas.

"Vamos ficar por aqui, rapaz," murmurei, desembarcando com cautela.

Vanakh lançou um olhar de cumplicidade enquanto adentrava o recinto. A taberna exalava o cheiro de cerveja azeda e madeira húmida, e o fumo das velas misturava-se ao murmúrio furtivo das conversas. Num canto, um bardo dedilhava um alaúde desafinado, como se tentasse espantar o silêncio opressivo.

Aproximei-me do balcão e fiz sinal ao taberneiro – um homem de traços severos e olhar experiente, já acostumado a ver o pior da vida.

"Procuo informações," anunciei, depositando algumas moedas sobre a madeira envelhecida. "Algo sobre um sacerdote ou necromante nestas bandas."

Sem desviar o olhar do ouro, o taberneiro cruzou os braços e replicou:

"Nunca ouvi falar de necromantes por aqui. Se fores esperto, nem sequer perguntarias."

Olhei ao redor. Os clientes murmuravam entre si, não por medo, mas por cautela.

"E quanto ao templo abandonado?"

O taberneiro franziu o sobrolho. Foi então que um velho, recostado numa mesa ao fundo, interveio com voz rouca:

"Ninguém se atreve a ir lá. É um lugar amaldiçoado."

"Ainda assim, parece que alguém o frequenta." Inclinei-me, com a curiosidade aguçada. "O que há lá?"

O velho hesitou, antes de responder num tom baixo:

"Dizem que um bruxo habita o templo."

"É o que dizem... obrigado, amigo." Lancei-lhe duas moedas de prata. "Pelo incómodo."

O velho acolheu as moedas com dedos ásperos e sorriu brevemente.

Não restava mais nada a saber.

Saí da taberna e chamei Vanakh. Era hora de encontrar o responsável.

A trilha que conduzia morro acima, até o templo, estava coberta de ervas daninhas, e o vento gélido carregava o cheiro da terra húmida e das folhas mortas. No alto da colina, o templo erguia-se como um cadáver de pedra, suas colunas rachadas e cobertas de musgo, e a porta de madeira, entreaberta, oscilava ao ritmo do vento.

Foi então que avistei uma chama – uma luz bruxuleante que piscava no interior.

Não estava abandonado, afinal.

Empunhei a espada. Vanakh rosnava baixinho, pressentindo o cheiro inconfundível do desconhecido – o odor da morte.

Avançámos juntos, passos silenciosos sobre as pedras rachadas. O salão principal encontrava-se coberto de poeira e oferendas esquecidas, com velas derretidas e cinzas que contavam histórias de devoção abandonada.

Mas havia algo mais – um som baixo, ritmado, vindo das profundezas do templo, misturado ao crepitar de uma chama.

Segui o som, atravessando uma arcada enredada por raízes, até chegar a uma porta de pedra mal fechada, da qual a luz escapava timidamente. Com um empurrão cuidadoso, adentrei o recinto.

Diante de mim, encontrava-se a oficina de um mestre. Estátuas realistas, com rostos congelados num último lampejo de consciência, alinhavam-se nas paredes. No centro, uma mulher nua repousava imóvel sobre um pedestal, a sua pele brilhando sob uma espessa argamassa.

Um velho sacerdote ajoelhava-se diante dela, espalhando a mistura com a dedicação de um escultor devoto.

Sem sequer desviar o olhar do seu trabalho, o velho murmurou:

"Entra. Vem ver a minha arte."

"Que arte é essa?" indaguei, a lâmina em prontidão.

O sacerdote ergueu uma das mãos calejadas, apontando para as estátuas que adornavam a oficina.

"Esta."

Olhei em volta; os olhos das esculturas pareciam vivos demais, como se a essência das vítimas permanecesse nelas. Um horror repentino subiu pela minha garganta.

"Estás bem?" murmurei para a mulher sobre o pedestal, mas ela permaneceu impassível, os olhos fixos num vazio perturbador.

"Não te preocupes," disse o velho, mergulhando os dedos no balde de argamassa. "Ela será imortalizada na arte. Uma oferenda ao grande senhor Akstunutha."

O nome ardeu na minha garganta.

"Estás a transformar jovens em estátuas?"

O velho sorriu friamente.

"Sim. Esse é o meu dom. Sou um artista."

O sangue fervia nas minhas veias.

"És um demónio."

Num impulso, lancei-me contra ele. Contudo, o sacerdote moveu-se com velocidade surpreendente, espalhando um punhado de pó cinzento no meu rosto.

Uma névoa fina invadiu o ar, e meus olhos arderam enquanto os pulmões queimavam. Cambaleando, percebi o riso sinistro que ecoava na oficina:

"Ah, um guerreiro impulsivo. Mas o pó de resina dos mortos não perdoa."

O mundo girou, e antes que o velho pudesse desferir outro golpe, um rugido ensurdecedor rompeu o silêncio – era Vanakh.

Ouvi o som de corpos em colisão, o choque de aço contra aço, e senti a lâmina da adaga do sacerdote cravar-se profundamente no meu flanco. O choque despertou uma ferocidade primitiva em mim.

Lutei no escuro, guiado apenas pelo instinto. Num golpe cego, perfurei o ombro do velho, que soltou um grito rouco antes de cair, engasgado em seu próprio sangue.

O cheiro metálico da morte impregnava o ar, e com dificuldade recuperei o fôlego. Dirigi-me à mulher no pedestal – ainda coberta de argamassa –, e, ao tocá-la, notei um lampejo de vida em seus olhos.

Cuidadosamente, levantei-a e saí da oficina. A noite, fria e silenciosa, engoliu-nos enquanto o destino se fazia presente.

A estalagem permitiu-me repousar. Exausto, deixei-me cair sobre a cama, mergulhando num torpor profundo enquanto Vanakh permanecia, fiel sentinela, ao meu lado. Dormi por dias, tomado pelo cansaço e pelo peso das mortes cometidas.

Quando, enfim, acordei, o cheiro rançoso do local incitava a urgência de partir. Se o sacerdote tinha aliados, estes viriam procurá-lo. Decidi desaparecer antes mesmo de que o perigo se concretizasse.

Ao romper do dia, cavalguei rumo ao porto. O frio cortante da madrugada fazia com que os músculos se contráissem a cada trote, e as sombras da floresta acompanhavam-me, silenciosas e compridas.

Soltei o cavalo antes de chegar ao porto – um luxo que eu não podia permitir-me. Ele partiu, desaparecendo entre as árvores como um espírito livre.

O cais, envolto na névoa matinal, mostrava os mastros dos navios recortando-se contra um céu pálido. Entre mercadores e pescadores, retirei o capuz, deixando o rosto à mostra para afastar desconfianças.

Dirigi-me a um velho capitão, que discutia preços com um comerciante de especiarias.

"É este o barco que vai para Narak?"

O capitão, avaliando-me com olhos cautelosos, respondeu:

"É, mas não permitimos animais a bordo."

"O cão vem comigo. Posso pagar mais."

"Não se trata de dinheiro. Já tivemos problemas com cães e cabras."

Olhei em volta, rindo discretamente:

"Não vejo cabras, e o meu cão é bem-comportado."

Entreguei duas moedas de ouro, que selaram o meu destino.

"Que a viagem seja próspera," concluiu o capitão.

Subi a bordo com Vanakh a meu lado, e os dias transcorriam com o embalo rítmico do mar. Os marinheiros, taciturnos, compartilhavam contos de monstros marinhos, tempestades devoradoras e tesouros ocultos num arquipélago perdido.

Dizia-se que Narak fora, séculos atrás, terra firme – um reino próspero até que o grande cataclismo afundou cidades inteiras, deixando para trás apenas um refúgio de esperança e mistério.

Eu, um guerreiro sem crenças em segundas oportunidades, via em Narak o que restava da minha redenção.

Na ilha, redescobri a felicidade. Os habitantes, mestres na arte de cultivar oliveiras e vinhas, mantinham o comércio naval próspero, mesmo em meio a mares traiçoeiros.

Logo fui acolhido como agricultor, mas a minha verdadeira natureza de guerreiro logo se impôs. Tornei-me um mercenário a serviço da família Kratanense – um clã de comerciantes que, apesar da riqueza, precisava de proteção constante.

Vanakh, patrulhando ao meu lado com seu pelo branco reluzente e olhos de gelo, afugentava ladrões e oportunistas.

Por um tempo, pensei que poderia enterrar o passado. Mas o passado, implacável, nunca se esquece.

Numa tarde, enquanto cavalgava pelo Bosque dos Carvalhos Antigos com Vanakh a trotar silenciosamente, um grito rompeu a calma do entardecer.

O coração acelerou e puxei as rédeas, direcionando-me instintivamente para o som. Entre as árvores, deparei-me com uma figura caída na relva.

A luz dourada do entardecer incendiava seus cabelos, e os olhos verdes cintilavam como esmeraldas imersas num lago de jade. Por um instante, o tempo pareceu cessar.

Desmontei com cautela e aproximei-me:

"Precisas de ajuda?"

A voz dela era frágil, mas determinada:

"Sim. O meu cavalo assustou-se, caí e torci o pé."

O sofrimento marcava o rosto, mas não havia temor em seus olhos – apenas uma força silenciosa, quase mística. Ajoelhei-me ao seu lado e, com cuidado, examinei o tornozelo inchado.

"Está a doer muito?"

Ela assentiu, e num breve instante os nossos olhares se encontraram, selando uma ligação inexplicável.

Com a delicadeza de um curandeiro, coloquei a minha mão sobre o tornozelo dela e murmurei palavras ancestrais, um vestígio de poder esquecido. Um calor suave espalhou-se da minha palma pela sua pele, e quando terminei, ela olhou para mim, surpresa.

"Obrigada."

"Foi o mínimo."

Ajudei-a a levantar e ofereci-me para levá-la a casa, montando o cavalo sob a luz tênue do entardecer. Enquanto cavalgávamos, o silêncio entre nós parecia repleto de promessas não ditas, e o leve perfume do seu cabelo misturava-se ao aroma terroso da floresta.

Ao chegarmos à quinta, um homem robusto aproximou-se, o semblante marcado pela preocupação.

"Ele?" perguntou o homem, ao vê-la.

"Ele ajudou-me, pai. Eu cáí," respondeu Athena com um sorriso que acelerou o bater do meu coração.

O homem avaliou-me com um olhar penetrante e, após um breve silêncio, assentiu, relaxando os ombros.

"Obrigado por cuidar da minha filha."

"Foi um prazer."

Enquanto me afastava, não pude deixar de olhar para Athena uma última vez, envolta pela luz do pôr-do-sol, sua figura banhada em uma aura quase etérea. Naquele instante, soube que o destino não havia terminado comigo – nem com ela.

Sentado à mesa naquela noite, com uma caneca de hidromel nas mãos, deixei meus pensamentos divagarem. O calor da bebida contrastava com o frio persistente daquela tarde no bosque, e o eco daquele olhar verde permanecia comigo, como um sutil presságio.

A noite, densa e expectante, trouxe consigo um sutil presságio. Vanakh trotava ao meu lado, atento aos perigos invisíveis. Avançamos por entre o bosque, o som das folhas sob os pés e o sussurro do vento criando uma sinfonia quase sobrenatural.

Foi então que, num estalo seco, o silêncio da floresta se quebrou.

Instintivamente, abaixei as rédeas e desci do cavalo, os passos calculados e silenciosos. O chão gelado sob as botas e a tênue luz da lua mal penetrando o dossel criavam um cenário de pesadelo.

Logo, murmúrios distantes – vozes em línguas esquecidas – emergiram das sombras. Segui-os, cada passo levando-me mais fundo numa selva de mistério.

A clareira surgiu, banhada por uma luz doentia da lua, revelando uma mesa cerimonial cravada no coração da floresta. Sobre ela, uma jovem, com a pele translúcida sob o brilho lunar, estava atada por correntes antigas. Quatro figuras encapuçadas entoavam cânticos em uma língua ancestral, enquanto, ao lado do altar, quatro criaturas deformadas – homens com corpos de chacal, os temidos Anupis – vigiavam, com espadas curvas cintilando sinistramente à luz da fogueira que ardia com ossos negros e incenso pútrido.

O coração gelou-me no peito ao testemunhar aquela cena profana.

Cada momento daquele dia estava impregnado de uma atmosfera de trevas e presságios. E enquanto a escuridão se aprofundava, percebi que, mais uma vez, o destino me chamava para enfrentar os horrores que se escondem nas sombras.

Apertei a lança. O suor escorria-lhe pela testa e o instinto dizia-me que algo não estava certo. Eles não atacavam de imediato; observavam-me, avaliavam-me, como predadores certos da sua vitória.

Vanakh rosou, os pelos eriçados. A tensão no ar explodiu quando um dos Anupis disparou para a frente, a lâmina a reluzir na escuridão. Veio com uma força brutal e, enquanto eu ergui a lança para aparar o golpe, o impacto revelou-se esmagador. A criatura era monstruosa. Cedi um passo para trás, rangendo os dentes, quando outro veio pelo flanco esquerdo, rápido demais. Rodei para desviar-me, mas senti uma linha ardente abrir-se na lateral das minhas costelas; o calor do sangue escorrendo foi um alerta cruel – eram mais fortes do que imaginava.

Investi. A lança traçou um arco brilhante na penumbra, o aço cortou o ar e rasgou o ombro de um dos Anupis, que grunhiu e recuou um passo antes de avançar novamente. Eles não sentiam dor como nós.

A jovem gritou no altar. Os sacerdotes ergueram as mãos e uma luz doentia começou a brilhar sobre o punhal negro, suspenso sobre o seu peito. O tempo esgotava-se. Precisava de acabar com aquilo, agora.

Desferi um golpe descendente, tentando empalar um dos inimigos. A lança perfurou uma carne dura como couro e a criatura soltou um rosnado gutural antes de tombar. Mas a vitória foi curta: uma garra atravessou o ar e acertou-me no flanco, atirando-me ao chão com força. A dor explodiu na cabeça e, antes que

pudesse reagir, uma bota pesada esmagou-me o peito, prendendo-me ao solo. O ar fugira-me dos pulmões.

Vanakh lançou-se sobre o agressor, mordendo-lhe a garganta. O Anupis guinchou e recuou, concedendo-me o tempo necessário para rolar para o lado e erguer-me. Mas eu sabia – tinha perdido o ritmo da luta. Estava ferido, cercado, e o ritual prosseguia sem trégua.

Olhei para o altar. O sacerdote principal erguia agora o punhal acima da jovem, cujo olhar aterrorizado refletia o brilho pálido da lâmina. Corri, mas um golpe traiçoeiro atingiu-me a perna, rasgando músculos e tendões. Caí de joelhos, sentindo o sangue quente escorrer-lhe pela perna. O Anupis à minha frente ergueu a espada para o golpe final.

O grito veio. Curto. Frio. Mortal. Ergui os olhos a tempo de ver o punhal negro afundar-se no peito da jovem. Os seus olhos arregalaram-se, a boca abriu-se num último suspiro silencioso, e o brilho da sua vida apagou-se perante mim. O sacerdote sorriu. O sangue escorreu do altar para o solo, formando símbolos que pulsavam com energia maligna.

Num instante, um rugido de fúria rompeu a noite. Esqueci a dor. A lança girou nas minhas mãos como uma tempestade de lâminas; já não lutava para salvar, mas para destruir. Um dos Anupis tentou recuar, mas era demasiado tarde. O aço perfurou-lhe o peito e rasgou-lhe a garganta num único movimento, fazendo com que o sangue quente me salpicasse o rosto. Vanakh avançou sobre outro, os dentes a cravar-se até ao osso.

Os sacerdotes tentaram fugir, mas não havia misericórdia. Arremessei a minha faca e acertei um deles na nuca. Outro ergueu as mãos para conjurar algo, mas a sua cabeça separou-se do corpo antes que qualquer feitiço pudesse ser pronunciado.

O último dos Anupis rugiu e atacou. Mal tive tempo de erguer a lança antes de ser lançado ao chão novamente. O peso da criatura sobre mim esmagava-me as costelas já partidas; o hálito pútrido queimava-me as narinas. A lâmina negra do inimigo desceu – mas Vanakh atirou-se contra a criatura, derrubando-a para o lado. Rolei, apanhei a minha cimitarra e, num golpe final, decepei-lhe a cabeça.

A batalha acabou. Mas a vitória era vazia. A jovem jazia caída no altar, com um punhal negro cravado no peito. A visão daquele estado encheu-me de uma tristeza profunda, uma sensação de fracasso que me envolvia.

"Como te chamas? Fala comigo..." implorei, a voz carregada de urgência e desespero.

Ela não respondeu; estava pálida e inconsciente. Sabia que estava condenada. O punhal negro tinha causado a Morte Negra, uma maldição que apodrece os ossos e órgãos, conduzindo a uma morte lenta e dolorosa. A única solução era arrancar-lhe o coração – um ato final de compaixão para poupar-lhe mais sofrimento.

Com lágrimas nos olhos e o coração pesado, cortei-lhe o peito e retirei-lhe o coração com as minhas próprias mãos. O sangue quente escorria, enquanto eu sentia a vida esvaír-se do seu corpo. Irritado, soltei um grito e, num acesso de fúria, pontapeei o corpo morto de uma das bestas, abrindo-lhe um buraco, e, torcendo-me o tornozelo, tombai exausto até desmaiar de cansaço.

Acordei algum tempo depois – talvez dias –, com o meu lobo ao meu lado e a jovem já a cheirar mal, parcialmente devorada pelos corvos. Levantei-me devagar, comi um bocado de carne seca enquanto notava os meus ferimentos a infetarem. Apanhei então a minha espada, aqueci-a no fogo, coloquei um pedaço de madeira na boca e queimei as feridas. A dor era intensa, mas a queimação expurgava o mal. O meu pé encontrava lenta recuperação e, apesar de tudo, eu ainda estava vivo... a minha virtude e o meu fardo, assim penso.

Decidi, então, queimar o corpo. Preparei uma pira funerária e, ao amanhecer, incinerei-o, permitindo que a sua alma se libertasse e se juntasse a Jhan, o deus dos espíritos.

Ao regressar à minha habitação, a morte da jovem continuava a pesar na minha mente; mesmo após noites e dias, ela permanecia uma lembrança constante do custo do fracasso. Decidi investigar quem era ela, determinado a entregar as suas cinzas à família. Descobri que foram os próprios pais que a entregaram aos servos de Akstunuthá – uma revelação que inflamou a minha raiva.

Furioso, dirigi-me à casa deles, com a ira a queimar-me as veias como fogo. Arrombei a porta com um pontapé, a madeira estilhaçando-se sob a força do meu golpe, e encarei-os com a minha espada, o aço frio a refletir a luz do dia.

"Demónios dos infernos! Mataram a vossa própria filha... Como puderam?! Morrerão!"

A minha voz retumbava como um trovão, cada palavra impregnada de fúria e desespero.

Inicialmente, ficaram assustados, mas ao verem os meus olhos, sorriram:

"Mikerium, de merda, não a matámos. Ela está com o Senhor das Trevas, o deus Akstunuthá. É uma das suas esposas, e tu serás o nosso jantar."

Cada palavra deles era veneno, cada sílaba exalava a loucura de uma devoção cega.

Os servos de Akstunuthá brandiram facas de cozinha e atacaram-me, os olhos insanos denunciando as suas intenções. Com dois golpes rápidos, cortei um homem ao meio e golpeei uma mulher, que agonizou durante alguns minutos – o som do seu sofrimento era o eco da minha própria dor.

"Mikerium, a tua ilha arderá. O Senhor da Noite, o grande Akstunuthá, está próximo. Morrerás hoje mesmo."

A mulher começou a brilhar intensamente, uma luz terrível que cresceu até explodir numa onda de energia, destruindo o bairro numa explosão de fogo e caos.

Fui socorrido horas depois, protegido pela minha magia, mas muitos inocentes pereceram, as suas vidas apagadas num instante de loucura e destruição.

Na manhã seguinte, dirigi-me ao meu bar habitual para afogar os pensamentos em vókar com limão, sozinho, acompanhado apenas por Vanakh, o meu fiel lobo, que repousava à porta como de costume. Enquanto degustava uma caneca cheia e a mente entorpecida, a voz suave e melodiosa de Athena, tão delicada como uma brisa de primavera, chamou-me a atenção:

"Olá, Akháríum..."

Virei-me, surpreso ao ver Athena, a bela e encantadora mulher a quem recentemente tinha ajudado. Estava mais radiante do que nunca, com um brilho nos olhos que me cativou de imediato.

"Olá... lembraste-te de mim?"

Disse ela, sorrindo, aquele sorriso capaz de derreter qualquer resistência.

"Por favor, trata-me por tu..."

Athena caminhou graciosamente até aos meus pés, fazendo com que todos os homens do bar a olhassem como se ela fosse uma deusa.

O meu coração acelerou, um misto de curiosidade e emoção. A sua voz, doce, tímida e atrevida, tocou-me profundamente, quebrando qualquer barreira que eu pudesse ter erguido.

"Como podia esquecer o meu primeiro amor?"

Sorri, não esperando encontrar alguém do meu passado num fim do mundo como Narak.

"Ainda gostas de cerveja?"

"Sim... ainda gosto."

Estava em transe, a tremer por dentro.

"Agora tens um lobo. Como se chama?"

"Vanakh."

"Olá, Vanakh," disse Athena, acariciando-o.

"Agora trabalhas como soldado pago e, nas horas vagas, como herói cavalcante?"

"Ainda não acredito que estás aqui."

"Acho que sei que gostarias de beber um copo comigo."

"Isso é um convite?"

"Sim, afinal já não nos vemos há mais de quatro anos..."

Disse Athena, sorrindo, com um brilho travesso nos olhos.

"Vamos."

Fomos para uma mesa reservada e, para minha surpresa, Athena pediu hidromel – uma bebida forte – e não algo mais suave, como eu esperaria de alguém tão delicada. Conversámos sobre a vida, o passado, os sonhos e as desilusões, enquanto eu, ainda receoso, evitava revelar detalhes demasiado pessoais. No entanto, havia algo na sua presença que me fazia querer abrir-me mais do que jamais fizera.

A tarde passou rápida, perdida em conversas e risos, e ao anoitecer, o som distante de uma coruja recordou-nos que o mundo lá fora continuava a girar.

"Athena, conheço um lugar mágico. Não é longe daqui, mas é tão belo que parece o próprio Vhalaium, o céu dos céus."

Disse, sentindo uma ousadia repentina.

"Claro, a boa companhia num lugar tão mágico é algo a que não posso recusar-me."

Respondeu ela, com um sorriso que iluminava mais do que qualquer sol poente.

Montámos os nossos cavalos e cavalgámos pela vila, onde as casas de mármore reluziam e as cores vibrantes pareciam ganhar vida sob o céu estrelado. O som dos cascos ecoava suavemente enquanto seguíamos por caminhos que pareciam feitos para nós dois.

Chegámos a um penhasco com vista para o oceano, onde as águas estreladas dançavam sob a luz da lua. A brisa fresca acariciava os nossos corpos, fazendo com que as vestes de Athena balouçassem ao sabor do vento, como se o próprio mar aplaudisse o nosso encontro.

"Aqui é tão lindo. Não sei como nunca conheci este lugar..."

Disse Athena, maravilhada.

"Não te espantes. Foi o Vanakh quem o descobriu enquanto perseguia um coelho," brinquei, tentando disfarçar o quanto estava encantado por ela.

Rimos da situação e pude ver, de perto, os seus lábios, adornados com uma pintura roxa que contrastava lindamente com o seu sorriso.

“E comeram o coelho?” Perguntou Athena curiosa.

“Não, o diabo do coelho entrou na luna e saiu por algum outro lado, na quele dia não comemos coelho, definitivamente” - rimos juntos, como dois velhos conhecidos, amigos, confidentes... amores. -

"Pelo menos descobriste um local maravilhoso," comentou ela, os olhos a brilhar com uma mistura de diversão e ternura.

"Sim, mas descobri algo ainda mais mágico hoje."

"O quê?"

"A ti!"

Aproximando-me, com um gesto suave, tentei beijá-la, mas ela afastou-se.

"Eu entendo, de certa forma."

"Não é isso, Akhárium. Até onde isto nos vai levar? Um monge e uma prisioneira das convenções sociais? O que acontecerá quando fores chamado de volta?"

"Eu não vou!"

"Tu vais, como sempre..."

Peguei no rosto dela, os meus dedos a deslizar pela linha delicada do seu rosto, suave como mármore, ao som da brisa do mar e das ondas que nos envolviam num novo mundo. Olhei-lhe nos olhos e vi, neles, a vontade de acreditar em mim, mas também o medo e a hesitação.

"Athena, eu não vou..."

De repente, uma onda de luz pareceu explodir no horizonte, iluminando os golfinhos que nadavam em sincronia com o nosso beijo. Olhei depois para

Athena, sorri, e senti o coração transbordar com uma felicidade que parecia infinita.

"Está na hora..." murmurei, quase perdido no momento.

"De quê?" perguntou Athena, com a curiosidade a dançar nos seus olhos, enquanto mordida os lábios.

Como que em resposta, os Saltadores – pequenas criaturas luminosas – começaram o seu espetáculo, saltando da água e deixando rastros de luz que cortavam a escuridão como estrelas cadentes. Os golfinhos juntaram-se à dança, iluminados como se estivessem em fogo azul, criando uma cena de beleza indescritível. Athena ria maravilhada, e o som da sua felicidade ecoava na noite, transformando tudo num momento verdadeiramente mágico.

"Mas afinal, como vieste parar aqui?"

"Como tu, eu acho, Akhárium... os meus pais perderam a quinta, os animais e a colheita com o ataque dos Lobisomens do Oeste... depois que tu e os teus templários nos salvaram, não havia muito mais a fazer; a quinta ficou marcada como ninho dos lobos."

"Verdade, mas ainda ficaram quase dois anos connosco na abadia," respondi, empurrando-a amigavelmente com o ombro.

"E pude conhecer-te melhor, beijar-te melhor... - suspirou Athena- Mas, bem, depois que o meu pai recuperou o tesouro da família, fomos para a ilha dos refugiados, Narak; refizemos a vida e, claro, o pai continuou rico e poderoso. E tu?"

"Hum... avarento e arrogante, que nem sequer agradeceu por termos sido salvos – ele queria pagar-nos, como se fôssemos os seus empregados."

"Akhárium, ele não muda, mas no fim a contribuição dele deve ter-vos ajudado."

"Sabes o que fizemos com o ouro dele? Atirámo-lo à rua mais pobre; dinheiro sujo, como sabes."

"Akhárium, vês como não podemos ficar juntos? Tu tens os teus ideais, a tua Casa, e eu a minha..."

Eu puxei o rosto dela para mim.

"Desculpa, Athena... afinal, quem sou eu para julgar? Sou apenas um mercenário agora, vivo de fama e ouro..."

"... da última vez eras um monge guerreiro, não um mercenário!"

"Eu saí!"

"Porquê?"

"Essa é uma longa história, fica para outro dia. Resumindo: não estou mais com eles, não sou um templário, e vim para Narak em busca de paz."

"Fico feliz por não estares mais com eles," disse Athena, rindo como uma delicada ninfa.

Aproveitamos o resto da noite, mas, com o piar dos pássaros, chegou a hora de regressar. Cavalgámos de volta à casa dela ao nascer do sol, a beleza do lugar rivalizando apenas com a companhia que mantínhamos. Antes de partir, olhei-lhe nos olhos, desejando que o tempo parasse ali.

"Athena, quero voltar a ver-te... ou esquecer-te," confessei, com sinceridade em cada palavra.

"Vamos encontrar-nos dentro de dias. Agora tenho de ir, o meu pai já deve estar furioso," respondeu ela, com uma ternura que me fez sentir que tudo era possível.

Parti com o meu cavalo e Vanakh – o lobo fiel que parecia compreender mais do que eu imaginava.

"Um dia também vais encontrar uma loba," brinquei, acariciando-lhe a cabeça enquanto seguíamos, com a promessa de novos encontros e aventuras a iluminar o horizonte.

Os encontros entre Athena e eu tornaram-se cada vez mais frequentes, numa sucessão secreta de momentos preciosos, sussurrados entre o vento e as sombras das árvores que nos abrigavam. A nossa relação, semelhante a uma flor delicada a brotar entre rochas, era vista com desconfiança pelos seus pais, que em mim viam apenas um guerreiro errante, uma alma inquieta em busca de paz. Mas o amor –

essa força indomável que transcende barreiras e convenções – guiava-nos com a certeza de que pertenceríamos um ao outro, apesar de todas as adversidades.

Foi então que recebi uma carta, na qual se dizia que devia comparecer ao jantar na casa dos Monte Real. Eu já sabia quem eram... os pais de Athena!

A quinta destacava-se no horizonte como um bastião de poder e riqueza. As colunas brancas que ladeavam a entrada pareciam vigias imponentes, testemunhando a chegada de alguém que não pertencia àquele mundo. Enquanto cavalgava, sentia cada trote do meu cavalo a ressoar no peito, uma antecipação pesada do que estava por vir. Vanakh trotava ao meu lado, atento e silencioso, um reflexo da minha própria inquietação.

Ao aproximar-me da casa, vi Athena a sair para me receber. Estava deslumbrante, vestida com um traje que mesclava simplicidade e elegância, com detalhes bordados que pareciam captar o espírito daquela terra fértil. O seu sorriso iluminou a escuridão que começava a envolver o horizonte.

"Olá, Akháríum," disse ela, com a voz carregada de doçura, aproximando-se rapidamente e segurando a minha mão, como se quisesse transmitir-me força através do toque.

Olhei para ela, enquanto tentava esconder a ansiedade e a resignação que cresciam dentro de mim.

"Vamos, estão todos à tua espera," continuou, com um entusiasmo que me fez questionar se ela compreendia a gravidade da situação.

"Mal posso esperar," respondi, deixando escapar um traço de sarcasmo. Ela riu – talvez achasse que era uma piada, ou talvez já soubesse que não o era.

Entrámos na casa e o aroma da comida atingiu-me antes mesmo que os meus olhos conseguissem captar a grandiosidade do salão de jantar. Era uma explosão de aromas – carne assada, ervas aromáticas, azeite recém-prensado. A mesa, longa e ostentosa, encontrava-se coberta por uma abundância que contrastava violentamente com as memórias de refeições simples e escassas que conhecia. No centro, um javali assado, a pele dourada a brilhar sob a luz das velas; à sua volta, uma profusão de pratos: batatas assadas, cogumelos salteados, castanhas caramelizadas e legumes regados com azeite. Um banquete digno de reis, mas para mim parecia uma armadilha revestida de ouro.

Athena apresentou-me com uma leveza que quase me fez sorrir.

"Mãe, pai, lembram-se do Akhárium?!"

Disse ela, com a mesma doçura com que sempre falava comigo. Mas a reação dos seus pais não foi doce.

Marlihn lançou-me um olhar que parecia pesar cada parte de mim, como se avaliasse um objeto para decidir se valia a pena mantê-lo. Arthanis, por sua vez, limitou-se a acenar com a cabeça, mas havia algo nos seus olhos que me desafiava; sentia que ele já tinha tomado uma decisão sobre mim antes mesmo de eu pronunciar uma palavra.

"O Monge..."

"Ele não é mais um monge, pai."

"Então pior: um desertor... esta ilha está cheia. Não me admira que o tenhas encontrado aqui."

"Pelo que me lembro, foi o Marlihn que chorou no meu ombro quando lhe pedimos para nos guiar até à sua própria quinta... 'eles estão lá, eles estão lá'," comentei, desdenhando dele.

Marlihn exaltou-se, mas Athena interveio:

"Parem! Todos fomos algo antes de Narak; hoje somos Narenks e vamos comer como tal!"

"Concordo," dissemos os dois, num som uníssono.

Sentámo-nos e o jantar começou com um brinde de vinho.

"Ao futuro," disse Marlihn, erguendo a taça com um sorriso que mais parecia uma máscara.

Enquanto os criados serviam o javali e enchiam as taças, a conversa fluía, mas de forma forçada. Falava-se de colheitas, de tempos antigos e da prosperidade da ilha. Eu permanecia atento, escolhendo as palavras com cuidado quando interpelado; cada resposta era uma batalha travada com delicadeza.

O vinho era bom – forte e encorpado – mas tornava mais difícil ignorar as palavras carregadas de subtexto de Arthanis. Durante a sobremesa, enquanto as castanhas e os cogumelos eram servidos em abundância, ele lançou o golpe que fez o sangue ferver nas minhas veias.

"Diz-me, Akháríum," começou ele, com voz baixa e firme, enquanto girava a taça de vinho com os dedos, "porque é que realmente vieste aqui parar?"

A pergunta pairou no ar, um desafio mais do que mera curiosidade. Inspirei fundo, tentando manter a calma.

"Vim, como todos vieram, à procura de paz. Fui trazido pelo destino, tal como tantos outros. Afinal, não somos todos refugiados?"

Ele sorriu, mas não era um sorriso amigável; era o de alguém que escondia uma faca na manga.

"Sim, mas uns vêm com dinheiro. E dinheiro é poder. Já tu..." Fez uma pausa, pousando a taça com um cuidado excessivo. "Vieste com um lobo. Não me interpretes mal: é admirável conseguires domar bestas selvagens e estúpidas, mas é um talento mais para o circo errante do que para te sentares à mesa da alta sociedade."

As palavras dele cortaram-me mais fundo do que qualquer lâmina. Senti o calor a subir pelo corpo, a raiva a ameaçar transbordar, mas não lhe dei a satisfação de uma resposta imediata. Apertei o copo de barro com tanta força que o parti, e os meus olhos encontraram os dele com uma firmeza que não pude disfarçar. Queria dizer-lhe que o poder não se mede em moedas, que o valor de um homem reside na coragem e na honra, mas sabia que se falasse, afastaria Athena – e isso jamais permitiria.

Com um movimento decidido, levantei-me. O som da cadeira a arrastar-se contra o chão fez eco no salão, como um trovão nos céus. Olhei para Athena, que parecia prestes a protestar, mas mantive o olhar fixo.

"Agradeço a hospitalidade, mas devo retirar-me. Tenham uma boa noite."

Saí antes que alguém pudesse responder. O ar fresco da noite foi um alívio bem-vindo, mas não suficiente para apagar a raiva que fervilhava dentro de mim. Caminhei rapidamente até às cavalariças, onde Vanakh esperava. Afaguei-lhe a cabeça, procurando conforto na presença constante do meu companheiro.